

## **REUNIÃO ADMINISTRATIVA DA ABRUEM**

**Reunião Administrativa da Abruem ocorrerá na próxima quarta-feira, 5 de abril**

A reunião administrativa da Associação Brasileira dos Reitores das Universidades Estaduais e Municipais (Abruem) será realizada na próxima quarta-feira, 5 de abril. O evento ocorrerá de forma híbrida, com a parte presencial sendo realizada na sede da Abruem, em Brasília, e a on-line via plataforma Google Meet.

Em pauta está a avaliação das audiências do dia 8 de março de 2023, o 69º Fórum Nacional de Reitoras e Reitores da Abruem e a viagem internacional da Associação em 2023, cujo destino é a África do Sul. Também em pauta está a aquisição de nova sala para a Abruem e a solicitação da secretária de Pesquisa e Pós-Graduação do Instituto Politécnico Nacional do México, Laura Arreola Mendoza, para agendar uma reunião sobre colaboração internacional com as instituições filiadas à Associação.

### **UEG**

## **ESTUDO DA GENÉTICA NO DIAGNÓSTICO DO AUTISMO É TEMA DE PESQUISA NA UEG**

No último domingo, dia 2 de abril, celebra-se o Dia Mundial de Conscientização sobre o Autismo, data que busca difundir informações e reduzir a discriminação e o preconceito contra os indivíduos que apresentam o Transtorno do Espectro Autista (TEA). A Universidade Estadual de Goiás (UEG) participa do esforço de divulgação e inclusão das pessoas com o transtorno.

A Universidade conta, inclusive, com representantes do Espectro em seu quadro de funcionários, como é o caso de Guilherme Francisco dos Santos, 28 anos. Diagnosticado com autismo aos 21 anos, ele conta que foi sua esposa quem percebeu algumas características, como o hiperfoco, e sugeriu que ele procurasse um especialista. “Venho de uma família muito humilde, meus pais trabalhavam muito, então eu não tinha esse olhar de que poderia ter algo comigo. Só fui começar a perceber alguns detalhes através da minha esposa, que recomendou que eu fosse a um especialista”, revela. Com grau leve do Transtorno de Espectro Autista, Guilherme explica que não tem dificuldades no dia a dia e na maior parte do tempo nem se



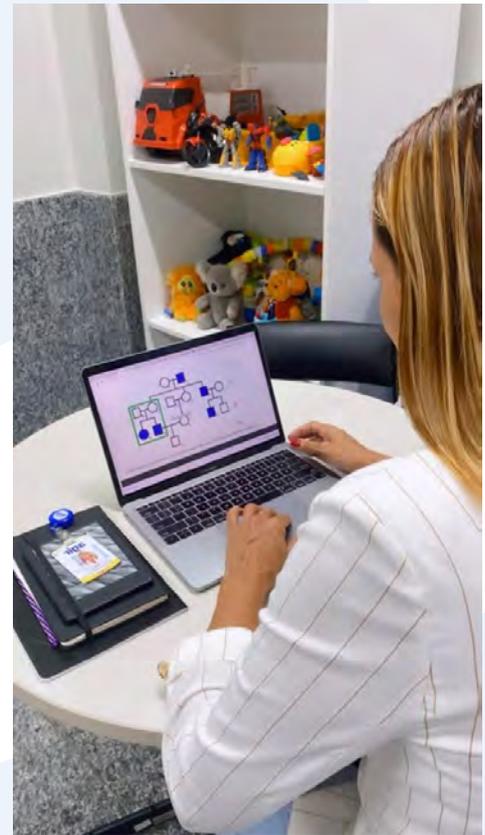
lembra disso. Servidor efetivo da UEG, ele trabalha na área da Administração, sua área de formação. “Eu não conseguiria fazer outra coisa”, diz. “Na parte técnica do trabalho, me ajuda, pois sou bem focado e um pouco obcecado em algumas áreas específicas. Então eu procuro sempre fazer da melhor forma possível”, explica.



Se o Guilherme tem uma vida normal com TEA, o mesmo não acontece com a Nicole Boarin, filha da também servidora da UEG Rita Maura Boarin. Hoje com quase 18 anos, Nicole foi diagnosticada com 3 anos e meio. “Quem fechou seu diagnóstico foi uma psicóloga de Goiânia. Após três sessões com minha filha ela conseguiu fechar o laudo com o diagnóstico. Na época ela era muito pequena e decidimos consultar um médico neurologista infantil em São Paulo. Ele não só confirmou o diagnóstico, como também elogiou o trabalho da psicóloga”, revela. Rita diz que a filha se comunica muito pouco verbalmente, mas já houve avanço. “O diferencial nessa história foi a entrada da palavra “não” na vida dela e de todos nós. Ser compreendida em seus desejos de não querer sair, comer ou simplesmente tomar banho naquele momento foi absurdamente libertador. Uma simples palavra teve a capacidade de impedir que fossem geradas grandes crises de estresse, auto agressividade ou até sensoriais. Hoje eu consigo observá-la muito mais do que quando era criança e não parava de pular e mexer em tudo o tempo todo. Essa observação me fez aprender a ler seu corpo, seus trejeitos e comportamentos. Hoje ela é praticamente uma mulher, é maior do que eu e, com certeza, se tivesse o comportamento que tinha quando criança seria muito complicado lidar com ela”, salienta.

Esses casos são exemplos da diversidade dos tipos de autismo. Essa diversidade, bem como a influência da genética no diagnóstico do autismo, fez parte da pesquisa que a professora Thaís Cidália, da UEG Unidade Universitária de Goiânia - Eseffego, realizou entre 2018 e 2021. A pesquisadora buscou estratégias para investigação genética e intervenção precoce na qualificação da atenção à saúde de indivíduos com Transtorno do Espectro do Autismo pelo sistema público de saúde em Goiás. A pesquisa foi realizada no Laboratório de Citogenética Humana e Genética Molecular (Lagene) da Secretaria Estadual da Saúde, que funciona no Centro Estadual de Reabilitação e Readaptação Dr. Henrique Santillo (Crer), em Goiânia. Os resultados da pesquisa foram publicados em uma revista internacional, além da criação de um e-book e de uma cartilha sobre genética e autismo destinados a familiares e profissionais da saúde. Em junho deste ano será publicado um livro que inclui um capítulo feito por vários profissionais especialistas em autismo no Brasil. A professora participa do capítulo “Arquitetura genética do autismo”.

A pesquisa trouxe luz para as famílias e para os profissionais que lidam com o autismo. “Identificamos variantes genéticas importantes em famílias com crianças diagnosticadas com autismo e fizemos o aconselhamento genético e a entrega de resultados para essas famílias, explicando a importância dos genes envolvidos nas manifestações clínicas em cada caso. Além disso, conseguimos destacar a importância dos exames genéticos para casos de autismo no SUS, orientando profissionais da área sobre a importância de se identificar fatores genéticos para diferenciar TEA sintomático de não sintomático e para definir as melhores estratégias de tratamento com base nos perfis genéticos”, revela Thaís. A pesquisadora explica que, a partir desses estudos, os casos atendidos no aconselhamento genético tiveram melhores resultados após investigação genética



para identificação e esclarecimento das causas dos sinais e sintomas que ajudaram na intervenção precoce e melhora do quadro clínico com auxílio de equipe multiprofissional. De acordo com Thaís, o Lagene fortaleceu o serviço de aconselhamento genético e tem oferecido os exames genéticos para os casos necessários.

O e-book pode ser acessado no seguinte endereço eletrônico:

<https://thaiscidalia.com.br/> .

## ***Estudos***

Apesar dos avanços da ciência, Thaís diz que até hoje não foi totalmente esclarecida a causa do autismo. Segundo ela, pesquisas recentes publicadas em revistas de grande impacto, realizadas por grupos de colaboração internacional, reforçam a contribuição genética na causa do autismo. “Em 2010, foi revelado pela primeira vez o peso do fator genético no TEA, com a comprovação de que o distúrbio é altamente herdável. Por outro lado, o estudo esclareceu que o transtorno não está ligado a apenas um único gene, mas seria o resultado de variações genéticas em múltiplos genes”, revela. A pesquisadora diz que os estudos genéticos realizados nos últimos anos ajudam a entender parte da origem do TEA.

“Já são cerca de 1.000 genes descritos que estão relacionados ao desenvolvimento do Transtorno do Espectro do Autismo, sendo 100 deles mais importantes. Vale lembrar que esses genes têm uma forte interação com fatores ambientais para o surgimento do autismo. Por estas razões, é um desafio para a ciência e para a medicina encontrar os genes e respectivas variantes genéticas de relevância clínica associadas ao TEA, para melhor



compreensão de cada caso nas suas especificidades, pois cada indivíduo é clinicamente único”, explica.

Thaís diz que o número de autistas tem crescido muito nos últimos anos. De acordo com dados do Centro de Controle e Prevenção de Doenças dos Estados Unidos, o Transtorno do Espectro do Autismo atinge cerca de uma a cada 54 crianças. A professora explica que o primeiro estudo científico consistente sobre o autismo foi feito pelo médico austríaco Leo Kanner em 1943, com o relato “Autistic Disturbance of Affective Contact”. Um ano depois, em 1944, um outro médico chamado Hans Asperger descreve sobre uma psicopatia autística

infantil de alto nível que seria chamada posteriormente de Síndrome de Asperger.

A partir da criação do primeiro Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM), em 1952, pela Sociedade Americana de Psiquiatria, várias nomenclaturas foram aparecendo, culminando com a definição atual de Transtorno do Espectro do Autismo – TEA. “Pela atual conceituação do DSM-5, apesar de ser às vezes contestada por pesquisadores da área, pessoas que apresentam com TEA devem apresentar dois domínios afetados: a comunicação social e o comportamento com interesses restritos e estereotipados”, relata a pesquisadora Thaís Cidália. A comunicação - codificação e decodificação de uma mensagem -, segundo Thaís, é o primeiro critério que se apresenta alterado no TEA. “Em pessoas com TEA, este processo é tipicamente alterado, gerando dificuldade de codificação e decodificação das mensagens entre um emissor e um receptor”, salienta.

A pesquisadora destaca que o processo de comunicação é dependente e associado a três tipos específicos de comunicação: a comunicação verbal (o que é dito em si); a comunicação vocal (a entonação no que é dito); e a comunicação não verbal (as expressões corporais e faciais). Segundo o estudo feito pela professora, 55% dos autistas utilizam a comunicação não verbal, 38% a comunicação vocal e apenas 7% conseguem expressar verbalmente. Thaís chama a atenção para o fator interpretação dos autistas. “Outra característica muito importante no TEA é a dificuldade de se compreender adequadamente figuras de linguagens. Por exemplo, o que o que quer dizer de fato a expressão ‘cansei de ficar engolindo sapo!?’ Na realidade, esta afirmação significa de fato o quê?”. No entendimento do autista, ele pode imaginar, segundo a pesquisadora, que a pessoa vai literalmente engolir um sapo. “Na comunicação não verbal, como expressões faciais, também

tende a não ser bem processada, fazendo com que não sejam diferenciadas expressões de alegria, nojo, espanto ou raiva do seu interlocutor”, explica.

A capacidade de interação social é outro aspecto que causa dificuldade para o autista. “Na avaliação dos domínios afetados, é importante perceber que se os processos de comunicação estão alterados, isso irá refletir diretamente na capacidade de interação social”, destaca Thaís. “Atualmente, diversos estudos têm indicado que a dificuldade na interação social pode ser decorrente da forma como a pessoa ‘vê’ o mundo a sua volta. Assim, a criação de certos ‘filtros’ visuais poderia tentar limitar o enxergar das pessoas com TEA”, destaca. Ainda sobre interação social, a pesquisadora diz que é comum a ideia de que no transtorno autista as crianças parecem não ouvir ou prestar atenção. “No entanto, acuidade sonora não costuma ter alteração, inclusive com inúmeros casos de hipersensibilidade a vários sons, como palmas e fogos de artifícios, que dificultam ainda mais as relações sociais em períodos de festividades”, relata ao explicar que crianças autistas que têm uma sensibilidade aumentada a estímulos sonoros, visuais, olfativas, gustativas e táteis, tentam se afastar desses estímulos para reduzir as entradas sensoriais que os sobrecarregam. “Infelizmente, essas condições ambientais, quando não trabalhadas adequadamente, acarretam um aumento severo do isolamento social”, salienta a pesquisadora.

O comportamento do autista foi outro aspecto descrito no e-book. Segundo Thaís, os autistas possuem padrões comportamentais diferentes. Há aqueles que têm tendência em enfileirar, organizar ou ordenar objetos. Outra característica comum, de acordo com a professora, é a fixação visual em determinados pontos de alguns objetos, principalmente focados em pontos luminosos ou com brilho, ou em peças que giram, como rodas, hélices de ventiladores ou anéis. O autista também tem dificuldade de estabelecer um padrão imaginativo. “Na prática, isso quer dizer que crianças sem TEA geralmente tendem a imaginar coisas, brincar de ‘faz de conta’, o que não acontece com as que têm TEA. No TEA, por outro lado, essa virtualização das brincadeiras não costuma ser compreendida. Por exemplo, duas garrafas pets nas costas são apenas duas garrafas, não um foguete”, explica.

### ***Nova pesquisa***

Uma nova proposta de pesquisa coordenada pela professora Thaís Cidália está em desenvolvimento, numa parceria da UEG com o Lagene, o Crer e a Secretaria Estadual de Saúde para investigar os principais genes e suas consequências clínicas para qualificação da atenção à saúde de crianças com TEA em Goiás.

Segundo a professora, estão envolvidos neste esforço professores, pesquisadores, médicos, geneticistas e alunos de iniciação científica, mestrado e doutorado da UEG, PUC e UFG. “A assistência multiprofissional do Crer e a realização dos exames e aconselhamento genético para as famílias têm sido fundamental para a ampliação da pesquisa”, garante a pesquisadora.

**Fonte: Comunicação Setorial | UEG. Texto: Dirceu Pinheiro**

## **STARTUP INCUBADA NA UERJ DESENVOLVE APLICATIVO QUE EMITE ALERTAS METEOROLÓGICOS PERSONALIZADOS**



Ferramentas tecnológicas inovadoras e acessíveis podem ser utilizadas na difícil tarefa de prever chuvas fortes e suas consequências, como enchentes e deslizamentos de terra. Com base nessa premissa, a startup Wiiglo, estruturada na incubadora Phoenix, da Faculdade de Engenharia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj), desenvolve um aplicativo que promete transmitir informações meteorológicas personalizadas a partir do georreferenciamento. A plataforma, chamada Cittua, contempla ainda o envio de mensagens de SMS com alertas específicos para cada região, um espaço colaborativo e de publicações dos usuários, além de conteúdo educativo e orientações sobre rotas de fuga, entre outros procedimentos, em caso de tempestades e risco de desastres.

Nos próximos meses, o aplicativo será testado no bairro Floresta, em Petrópolis. A partir dos resultados e avaliações iniciais, será possível aprimorar o sistema e ampliar sua utilização para outras localidades. O projeto é financiado pela Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj) e conta com o apoio da Defesa Civil Municipal.

Segundo Victor Azevedo, fundador e CEO da empresa, a parceria com os órgãos públicos possibilitou a escuta ativa dos moradores das comunidades do Floresta e da Vila 24 de Maio, duas áreas seriamente afetadas pelas chuvas ocorridas em fevereiro de 2022. Também foram realizadas oficinas de trabalho com o Centro Integrado de Monitoramento e Operações de Petrópolis (Cimop).

“A partir desse processo, conseguimos analisar como deveria ser o funcionamento de uma plataforma para cidades inteligentes, voltada à proteção das pessoas frente aos eventos relacionados às mudanças climáticas e os impactos na mobilidade urbana”, explica. A Cittua possui também um painel, em funcionamento no Cimop, que monitora em tempo real os sensores de registro de chuvas, bem como outras ocorrências e riscos para a operação da cidade.

Além da experiência adquirida na região serrana, a Wiiglo capta dados pluviométricos e de trânsito da capital fluminense. A empresa, inclusive, foi uma das vencedoras do II Desafio COR – Smart City, Smart People, promovido pela Prefeitura em 2020 com o objetivo de fomentar soluções inovadoras

para tornar a cidade do Rio mais tecnológica e eficiente. Arrojada, a startup desenvolveu um software dedicado à gestão dos impactos das chuvas no sistema de ônibus do município.

Um novo acordo foi firmado recentemente com o Instituto Estadual do Ambiente (Inea). O termo de cooperação técnica permite à startup coletar e processar os dados brutos emitidos pelo radar meteorológico da instituição. “O objetivo é conseguir uma previsão do tempo de curto prazo, com maior precisão, e ainda levar à população informações sobre tempestades severas, reduzindo danos, prejuízos, e, sobretudo, salvando vidas. Nossa missão é possibilitar ao cidadão se prevenir diante dos graves eventos naturais”, salienta Azevedo.



### ***Parceria com a Uerj***

Graduado em Engenharia de Sistemas e Computação e mestre em Geomática pela Uerj, Victor retornou à Universidade em 2013 para criar a Wiiglo, com foco em big data e geolocalização. Sua motivação à época era desenvolver tecnologia brasileira de ponta. Segundo ele, o intercâmbio de ideias e experiências com outros desenvolvedores na incubadora Phoenix e a mentoria dos professores foram fundamentais para consolidação da empresa, que administra com o sócio Daniel Morim, também ex-aluno da Uerj.

De acordo com o professor Jorge Amaral, da Faculdade de Engenharia, a unidade possui um ecossistema muito propício ao desenvolvimento de startups disruptivas como a Wiiglo, atualmente em destaque na Faperj pelo impacto social das ações empreendidas. Desde 2019, a empresa mantém uma parceria com o Laboratório de Redes Industriais e Sistemas de Automação (Larisa) da Uerj. O laboratório presta consultoria na área de Inteligência Artificial. “Espero que, animados por este sucesso, possamos fortalecer ainda mais este ambiente, aumentando a interação entre novas startups, os programas de pós, a incubadora e os alunos da graduação”, pontua o professor.

Victor Azevedo também ressalta a importância da colaboração entre Wiiglo e Uerj na busca contínua por soluções tecnológicas. “Hoje trabalhamos juntos em projetos e pesquisas, provando que a relação entre inovação e academia tem grande potencial, com resultados positivos para a sociedade”, afirma. “A Universidade também me deu oportunidade para entender o mundo de forma mais ampla, a pensar além da questão profissional, cumprindo o seu papel na formação dos alunos enquanto cidadãos. Tenho muita gratidão”, comenta.

**Fonte: Diretoria de Comunicação da Uerj.**

## POPULAÇÃO NEGRA FOI A MAIS AFETADA POR CRISES NO MERCADO DE TRABALHO



“Se a sociedade fosse uma casa, o racismo seria o cimento que a construiu.” Com essa metáfora, a economista Ana Paula Ribeiro Moreira ilustra como o racismo é uma estrutura que rege o funcionamento da sociedade. Inerente ao modo de produção capitalista, ele também se manifesta na criação e manutenção de desigualdades em ambientes como o mercado de trabalho. Exemplo disso para

ela é o fato de que as duas últimas grandes crises econômicas impactaram com mais intensidade a situação ocupacional de pessoas negras, agravando desigualdades que vinham sendo atenuadas desde o início do século.

Essa foi a conclusão de Moreira em sua pesquisa de mestrado em Desenvolvimento Econômico, recém-defendida no Instituto de Economia (IE) da Unicamp. Na dissertação, a pesquisadora analisou os efeitos da recessão de 2015 e da pandemia de covid-19 na situação ocupacional de trabalhadores negros e não negros, a partir de informações levantadas pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua (PnadC), que mede as flutuações e a evolução da força de trabalho brasileira. Para tanto, a pesquisadora avaliou os dados de 2012 a 2021 de uma amostra composta por trabalhadores com idade a partir de 16 anos e que residiam em ambientes urbanos do país.

“Queríamos ver quais eram as oscilações dentro do mercado de trabalho para as pessoas negras e não negras antes, durante e após a crise de 2015. Como o tempo da dissertação se estendeu, pegamos também o período mais recente da pandemia”, relata Moreira, explicando que o trabalho não se propõe a apresentar uma solução para o racismo no mercado de trabalho, mas a condensar informações sobre o tema e a fazer uma crítica social e econômica. “Fazer um recorte de raça ao estudar renda e mercado de trabalho é uma forma de conseguir visualizar onde está o racismo estrutural e como ele se manifesta”, comenta a autora, que se baseou em um conceito proposto por Silvio Almeida, atual ministro dos Direitos Humanos e da Cidadania do Brasil.

De forma geral, o estudo revelou que a recessão de 2015 interrompeu o processo de redução das desigualdades relacionadas a fatores como geração de empregos formais, valorização do salário-mínimo, políticas de combate à

discriminação e fortalecimento de direitos. Embora ambos os grupos investigados — negros e não negros — tenham sido prejudicados pela crise, foi o primeiro quem mais sofreu com a precariedade ocupacional, o que inclui informalidade, desocupação e desalento, neste último caso, quando a pessoa desiste de procurar emprego, mesmo que ainda queira trabalhar. A pandemia, por sua vez, reduziu o rendimento



*O professor Marcelo Proni, orientador do estudo: discriminação e menor chance de estudar (Foto: Antonio Scarpinetti)*

mensal dos trabalhadores informais e agravou os impactos negativos da flexibilização das leis trabalhistas, sobrepondo-se a uma deterioração já em andamento.

Para se ter uma ideia, enquanto em 2012 a população negra representava cerca de 69% das pessoas em desalento — aproximadamente 1,32 milhão de cidadãos —, em 2019, esse número subiu para 3,5 milhões, o que correspondia a 74% dos desalentados. Na crise sanitária, a quantidade de pessoas negras que desistiram de procurar um emprego atingiu o seu pico no terceiro trimestre de 2020, quando 4,2 milhões de cidadãos (72,1%) tinham perdido as esperanças de trabalhar. Apesar de esse número ter melhorado ao final de 2021, voltando aos mesmos 3,5 milhões de 2019, ainda está em um patamar significativamente superior àquele de 2012.

Os resultados demonstram a fragilidade das melhorias ocorridas até 2014 para manter a população negra em relativa segurança, visto que, além da redução da desigualdade ter sido tênue, o racismo estrutural se mantinha. “Em uma crise, os mais afetados são os trabalhadores vulneráveis, que têm menos condições de competir por uma vaga. Isso provoca o aumento do trabalho informal, e os negros têm mais dificuldades de serem bem-sucedidos nesse quesito”, explica o docente do IE Marcelo Proni, que orientou a dissertação de Moreira. “Isso não é algo que a gente consiga eliminar em pouco tempo. Há discriminação, por um lado, mas também uma menor chance de estudar. Trata-se de uma conjuntura com uma série de questões que criam uma condição menos competitiva para eles”, complementa.

### ***Precariedade ocupacional***

Para a avaliação dos dados, Moreira e Proni elaboraram uma nova metodologia ao sobrepor indicadores relacionados a informalidade e baixa renda. Dessa forma, emprego sem carteira assinada, trabalho por conta própria e pequeno empregador sem inscrição no CNPJ, em associação ao rendimento mensal menor que um salário-mínimo, seriam os definidores



*Ana Paula Ribeiro Moreira, autora da dissertação: processo doloroso e desgastante (Foto: Divulgação)*

da precariedade ocupacional. Embora a precariedade também atinja outros tipos de trabalhadores, os pesquisadores entendem que a falta de registro e a baixa remuneração agravam esse fenômeno ao retirar a proteção da seguridade social e reduzir a qualidade de vida dos cidadãos.

Ainda de acordo com a pesquisa, antes de 2015, muitas famílias podiam deixar seus filhos apenas estudando, devido à valorização do salário mínimo; posteriormente, a redução da renda durante as duas crises forçou esses jovens a trabalharem. Durante a pandemia, por exemplo, a maioria dos trabalhadores se viu obrigada a continuar suas atividades profissionais com uso de máscaras e álcool em gel, ao mesmo tempo que o auxílio emergencial permitiu que milhões de desempregados parassem de procurar emprego. Com isso, houve redução da desigualdade quando a análise considera apenas trabalhadores empregados, porque a população de baixa renda ficou desempregada ou inativa. “Só que é algo efêmero e ilusório, porque as condições do mercado de trabalho e da família não estão melhorando. É uma crise de outra natureza, mas na qual a população negra também foi impactada de forma mais intensa”, argumenta Proni.

Os dados foram analisados usando Linguagem R. Como nunca havia atuado com programação, um grande desafio de Moreira durante o mestrado foi aprender a lidar com o software. Para vencê-lo, ela contou com o apoio de um amigo do mestrado, Erick Polli. No entanto, revela, a maior dificuldade foi lidar com a carga emocional de ter como tema algo tão próximo de sua vivência. “Uma coisa é ter um objeto que você estuda no laboratório e depois volta para casa. Outra, é você e as pessoas da sua família se inserirem nessa população e você não conseguir se distanciar nem quando está dormindo. Então, foi um processo bem doloroso e desgastante, no qual me reconheci dentro de uma realidade muito triste”, lamenta.

**Fonte: Jornal da Unicamp. Texto: Paula Penedo Pontes. Fotos Antonio Scarpinetti/Divulgação. Edição de imagem Paulo Cavalheri**

## **REITOR DA UNIFAE ASSUME TITULARIDADE NO CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO**



O Reitor da UNIFAE, Prof. Dr. Marco Aurélio Ferreira, assumiu no mês de março a titularidade entre os conselheiros do Conselho Estadual de Educação. O mandato vai até o início de 2025.

Marco Aurélio assume o lugar do professor Thiago Lopes Matsushita. O Reitor também fará parte da Câmara de Educação Superior e da Comissão de Legislação e Normas. “É mais uma conquista da equipe, professores, colaboradores e alunos da UNIFAE. Muito honrado em representar nossa cidade e região no Conselho, e fico feliz em seguir presente nas discussões sobre educação de todo nosso Estado”, destaca Ferreira.

O CEE-SP trata-se de um órgão de esclarecimento e de proposta de soluções, podendo exercer sua missão mais alta, tendo como interlocutores governo e comunidade, no objetivo maior de qualificar a educação paulista, pública e privada, de todos os níveis.

Ao todo são 24 profissionais da educação que atuam no órgão como normativo, deliberativo e consultivo do sistema educacional público e privado paulista. É quem estabelece regras para todas as escolas de todas as redes, além de orientar as instituições de ensino superior públicas do Estado, bem como credenciar seus cursos.



**Fonte: Unifae**

## **EQUIPE DA UNITAU APLICA PROCEDIMENTO INOVADOR DE CIRURGIA FETAL NO HMUT**

Pela segunda vez, em um intervalo de cinco anos, uma equipe médica formada por professores da Universidade de Taubaté (UNITAU) e por residentes do Hospital Municipal Universitário de Taubaté (HMUT) aplicou, com sucesso, uma técnica inovadora de cirurgia fetal para a correção de uma malformação congênita denominada gastrosquise.

O primeiro procedimento aconteceu em 23 de maio de 2017, no nascimento de Vitória, e o segundo foi realizado no dia 28 de fevereiro deste ano, no parto de Davi. As duas mães foram operadas por uma equipe composta por 12 profissionais, entre os quais 6 médicos e 6 residentes



do HMUT. Poucos hospitais brasileiros estão habilitados a realizar esse tipo de cirurgia.

Agastrosquise é identificada por meio do ultrassom obstétrico. O exame detecta que o bebê apresenta uma abertura em sua barriga e que os intestinos (na maioria dos casos) estão do lado de fora, em meio ao líquido amniótico. O diagnóstico surge

entre a 4ª e a 10ª semana de gestação. O caso mais famoso e recente de gastrosquise ocorreu com a filha do surfista Pedro Scooby. A menina foi submetida a um tratamento-padrão.

De acordo com a Fiocruz, a incidência dessa malformação chega a 5 para cada grupo de 10.000 nascidos vivos, mas estudos indicam um aumento progressivo de casos nos últimos anos.

Durante a operação, parte da equipe se concentra na mãe, e a outra parte fica atenta aos sinais vitais do bebê. A primeira etapa é uma cesariana, com a remoção da criança da barriga da mãe e a sua colocação ao lado, com o cordão umbilical ainda conectado à placenta e útero. A mãe recebe uma medicação que chega ao bebê pelo cordão. O estado de relaxamento da criança possibilita a inserção dos órgãos para dentro da barriga e o seu fechamento. Somente depois desse procedimento, que dura cerca de 10 minutos, é que o cordão umbilical é cortado e o bebê nasce de fato.

“São os 10 minutos mais longos da minha vida. Nossa percepção do tempo muda nesse instante, em um estado de atenção total. A mãe e o bebê são monitoradas o tempo todo. Quando terminamos, é impossível não se emocionar”, afirma o Prof. Esp. Olavo Novaes Vieira Braga Ferraz, cirurgião pediátrico da UNITAU responsável por realizar os dois procedimentos no HMUT.

O cirurgião destaca o trabalho em equipe, que exige absoluta coordenação entre todos os envolvidos em uma coreografia submetida a treinos antes do procedimento real. “Eu também tenho que me despir de qualquer vaidade nesse momento e estar preparado para cancelar o procedimento. Só vamos saber se a cirurgia vai ser possível e dar certo no momento em que retiramos a criança da barriga da mãe. Caso as condições não sejam as ideais, temos de cancelar e de optar por uma conduta-padrão.”

De acordo com o Prof. Dr. Gregorio Lorenzo Acacio, médico especializado em Medicina Fetal da UNITAU e que também participou da equipe do HMUT, esse tipo de procedimento traz como vantagens a redução no período de internação, uma recuperação mais rápida da criança e o acesso precoce ao leite materno. “Em um caso como esse, do nascimento do Davi, ele não precisou ser entubado e anestesiado para a cirurgia. Logo após o procedimento, o

pai pegou o bebê no colo, teve o contato imediato. Também houve a redução dos riscos de infecção.”

Procedimentos como esses são uma oportunidade de conhecimento para os alunos e para os residentes que atuam no Serviço de Ginecologia e Obstetrícia do HMUT. As atividades de graduação envolvem estudantes do 1º ao 6º ano. E o Programa de Residência Médica tem três anos de duração.



“O acolhimento do casal e sua família começa no pré-natal, com visitas à UTI neonatal e com o conhecimento das equipes que serão as responsáveis pelo acolhimento do recém-nascido. A transparência nas conversas, o acompanhamento em conjunto com a Psicologia e a empatia com as situações ensinam a nós, professores, e aos nossos alunos muito mais que a Medicina, reforçam a importância do “cuidar”, da alegria, do amor e da satisfação em ver os bebês saudáveis”, destaca a Profa. Ma. Simone de Lima Silva, coordenadora médica do serviço de Ginecologia e Obstetrícia do HMUT.

## ***Encontro***

Em Taubaté, as famílias da pequena Vitória, hoje com 5 anos, e do recém-nascido Davi puderam se encontrar no HMUT para partilhar suas experiências. Assista nesse vídeo trechos das entrevistas. Em comum, as famílias relataram o sentimento de desamparo pela situação inesperada e a incerteza quanto ao futuro das crianças.

“A gente não sabia o que nos esperava até o parto. Era algo novo, a situação dela, pelo tempo de gestação. O intestino da Vitória estava todo para fora, então ficava na dúvida se ela poderia nascer com outras malformações também”, relembra Sara Feital Ramos, mãe de Vitória.

Aline Ribeiro Monteiro, mãe de Davi, destaca a importância dos exames do pré-natal para identificar eventuais problemas e permitir a preparação para superá-los. “Gostaria de falar da importância do ultrassom na gravidez. Se a gente não tivesse feito o ultrassom no tempo certo, não teria descoberto. O pré-natal em si é muito importante para dar tudo certo no final.”

“A cirurgia da Vitória foi muito importante, ela foi pioneira nisso e talvez a gente poderia não estar aqui, foi uma salvação para nós”, completa Sidnei Ferreira Alves Júnior, pai de Davi.

Confira abaixo a relação dos profissionais envolvidos com os dois procedimentos realizados no HMUT.

Prof. Esp. Olavo Novaes Vieira Braga Ferraz - cirurgião pediátrico

Prof. Dr. Gregorio Lorenzo Acacio – ginecologista e obstetra especializado em medicina fetal

Profa. Ma. Simone de Lima Silva – ginecologista e obstetra especializada em medicina fetal e gestação de alto risco

Prof. Guilherme Pedrosa Guizelli – anesthesiologista

Maria Isabel Ferreira Gomes Pereira - neonatologista

Profa. Rebeca Otani Pereira Resende – obstetra no procedimento da Vitória

Paula Eline de Souza Gil Lobão – obstetra no procedimento do Davi

Tamara Frank das Neves Guerra - especialista em gestação de alto risco e ultrassonografia obstétrica

**Fonte: Acom/ Unitau. Imagem: João Rangel**



**Associação Brasileira dos  
Reitores das Universidades  
Estaduais e Municipais**

**Expediente**

*www.abruem.org.br*

*Email: abruem@gmail.com*

*Jornalista responsável - Núbia Rodrigues. DRT: 2252-GO*

*Diagramação: Graziano Magalhães*

*Secretaria Executiva: Carlos Roberto Ferreira*

*Secretaria Geral: Denize Alencastro*